

**FACULDADE DE CONCHAS - FACON
CASA TOMBADA**

MIRAÍRA NOAL MANFROI

**ÔNIBUS(ANDO): BUSCANDO PISTAS NO
PERCURSO DA CRIANÇA**

SÃO PAULO (SP)

2020



ÔNIBUS(ANDO): BUSCANDO PISTAS NO PERCURSO DA CRIANÇA

MIRAÍRA NOAL MANFROI

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Ma. Ana Beatriz Goulart de Faria, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

RESUMO

O movimento é uma constante, o desejo de ir e vir também... Como chegar? Como se deslocar? Vai de carro? Vai de moto? E se não tem? Vai de ônibus? Sim, vai de ônibus. Quando se quer ir, se encontra jeitos. A história do ônibus está diretamente relacionada com o êxodo rural, a formação das cidades e a necessidade de se deslocar, pois foi preciso percorrer maiores distâncias para que os encontros acontecessem. A princípio, esses movimentos eram feitos a pé, mas como o fluxo de retirada do campo foi intenso, as cidades passaram a crescer de forma acelerada e a demanda de meios de transporte aumentou, devido aos serviços para a população estarem concentrados, na maioria das vezes, longe das residências dos que possuem menor renda. A partir da rememoração das minhas experiências de andar de ônibus enquanto pequena e depois como estudante universitária, surgiu o desejo de observar as crianças em suas andanças no transporte coletivo em Campo Grande (MS), para compreender melhor quais são as narrativas que trazem em seus deslocamentos. Este trabalho teve como objetivo geral registrar as narrativas vividas e construídas pelas crianças em suas passagens e jeitos de ocupação do transporte público coletivo - os ônibus. Nas viagens me coloquei como pesquisadora-passageira, observadora, com inspiração da antropologia da infância. A partir das experiências, com os registros das falas, escrevi as narrativas das viagens. Ao me encontrar com uma criança, Rara, e com as outras pessoas com quem estive no ônibus, trago as temáticas que emergiram do universo múltiplo e em movimento que o ônibus se configura... Há uma infinidade de possibilidades de ser e estar no ônibus, este se configura como um espaço de diversas experiências e, para as crianças, muitas vezes, como espaço de subversão.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Cidade. Ônibus coletivo urbano. Campo Grande (MS).

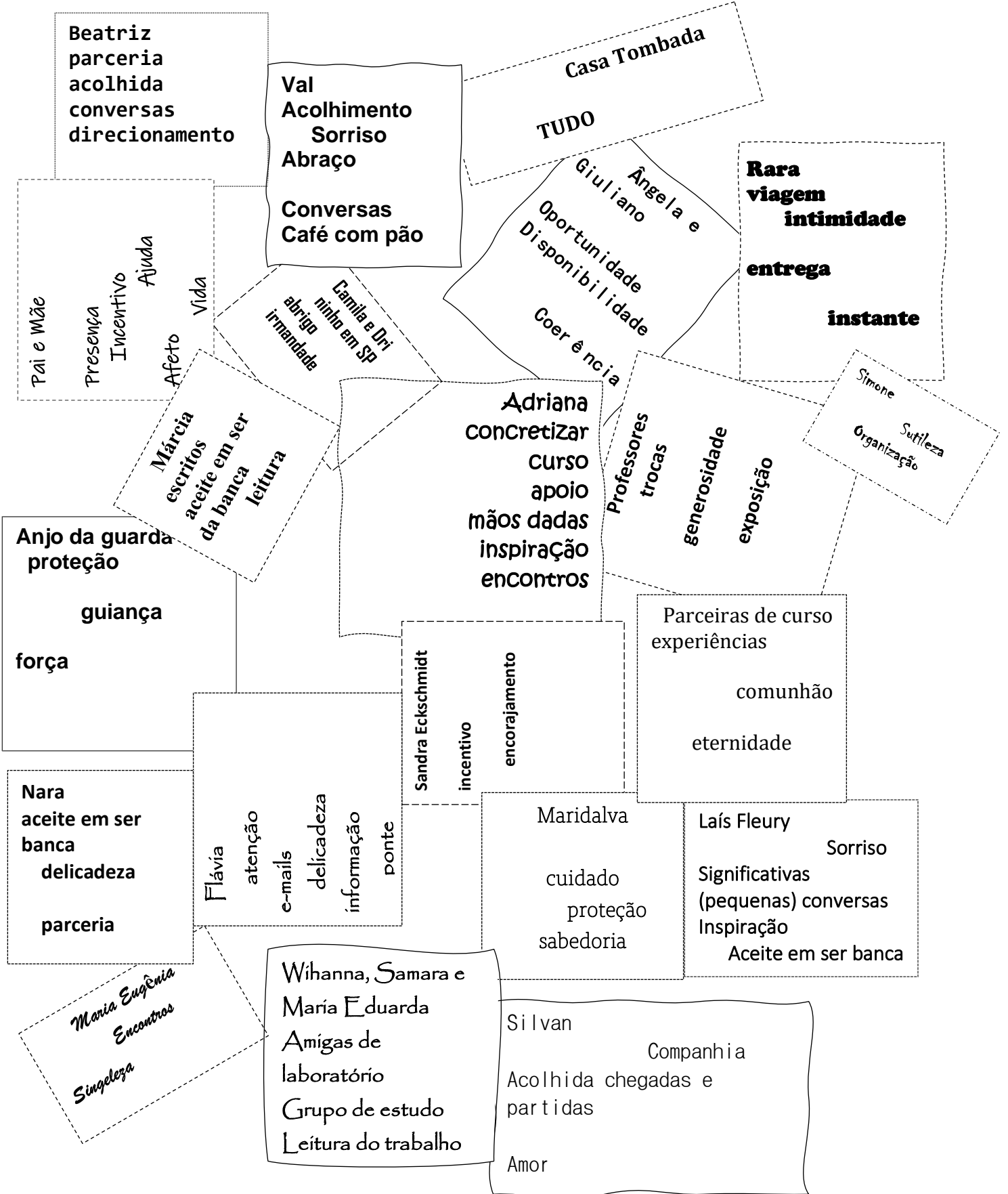
ABSTRACT

The movement is a constant, the desire to come and go too. How to arrive? How to move? Go by car? Go by motorcycle? What if you don't? Go by bus? Yes, go by bus. When you want to go, you find ways. The bus history is directly related with rural exodus, the formation of cities and the need to move, because it was necessary to go further distances to happen the meetings. At the beginning, these movements were done by foot, but as the flow of leaving the field was intense, the cities started to grow at an accelerated rate and the demand for means of transportation increased, due to the services for the population being concentrated, most of the times, far from the residences of those with lower income. Starting with memories of my experiences riding in a bus when I was little and after that as a university student, became the desire of observe the children in their rides in public transportation in Campo Grande (MS), to better understand which narratives they bring in their travels. This work had as general objective to register the narratives lived and constructed by the children in their passages and ways of occupation of the public collective transport - the buses. On the trips I placed myself as a passing- researcher, observer, inspired by childhood anthropology. From the experiences, with the talk records, I wrote the trip's narratives. When I meet a child, Rara, and other people with who I was on the bus, I bring the themes that emerged from the multiple and moving universe that the bus is configured... There are an infinite number of possibilities to be and remain on the bus, this is configured as a space of different experiences and, for children, often as a space for subversion.

KEYWORDS: Children. City. Urban collective bus. Campo Grande (MS).

AGRADECER, TER O QUE AGRADECER

- MARIA BETHÂNIA -



Dedico este trabalho às crianças e suas subversões. Por elas abrirem os caminhos, diariamente, para que um novo mundo, que acolha as diferenças, fecunde.

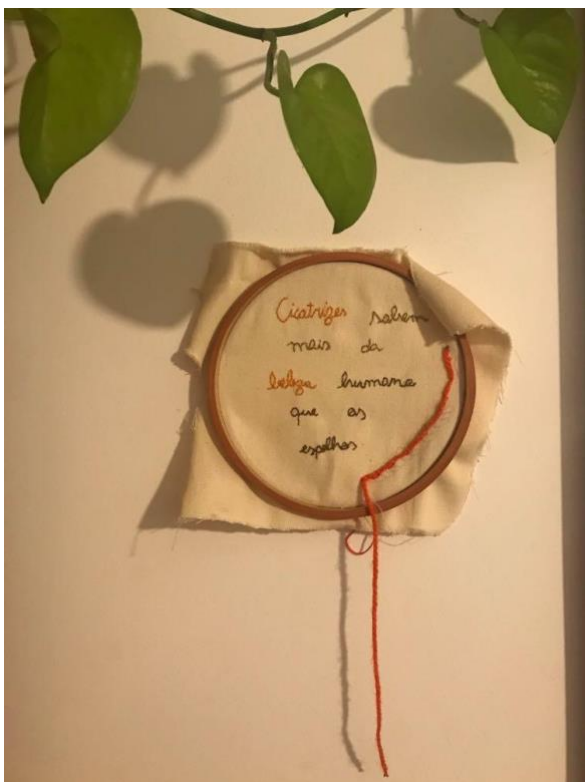
Sumário

INSTANTES MEMORÁVEIS.....	7
1. TCHAU, TÔ INDO PARA O PONTO DE ÔNIBUS.....	10
2. VOCÊ JÁ VAI? TÁ CEDO! PARA ONDE? COM QUEM?.....	16
3. FUI! ENTRANDO NO ÔNIBUS... ..	23
4. AS VIAGENS DENTRO DAS VIAGENS.....	31
5. CHEGUEI? HÁ CHEGADA? DESCI DO ÔNIBUS, MAS EU VOLTO... ..	40
COMPANHEIROS DE OUTRAS VIAGENS.....	42
Anexo A - O que aconteceu no ônibus com você?	45

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Viagem de ônibus com Maridalva.....	14
Imagem 2: Bordado coragem	17
Imagem 3: Bordado desejo	32
Imagem 4: Resposta de Felipe	34
Imagem 5: Orquídeas de casa durante a escrita da pesquisa	39

INSTANTES MEMORÁVEIS



Quando me dei conta que terminaríamos este curso, tecido com a linha da presença, não na casa comum, a Casa Tombada, mas que seria cada uma em seu recanto, fui bordar... Uma frase que já estava um tanto de tempo escrita no papel ao lado do espelho: "Cicatrizas sabem mais da beleza humana que os espelhos"- Zack Magiezi. Finalizei. Coloquei no bastidor. Peguei a tesoura e ia fazer o "acabamento"... Me veio a imagem dos corredores bordados da Casa Tombada, com as suas formas surpreendentes e transgressoras. Nesta casa me senti convidada a vadiar, a transitar, a apreciar, a cozinhar...

Materializei a Casa Tombada na minha.

TRANS BORDEI...

Há linhas que vêm de trás
Há as que se esticam para baixo
Há tecido nas laterais
Há folhas de jiboia

O tombamento da casa se fez em mim, por motivo de afeto.

Quem ficar por último vai virar mulher do padre...

- To fora! (disse uma)

- To fora! (disse o outro)

- To dentro! (disse a minha mãe)

Meu pai, padre, e minha mãe, professora, uniram-se.



AFETO

-Eu-

No dia 02 de agosto de 1990

3,600 kg - 52 cm

Eu sou um monte de coisas desde que nasci...

Sou filha, neta, bisneta...

Sou Miraíra, Mi, Bebezinha, Mirinha...

A cesta do que “sou” foi enchendo à medida que fui me relacionando com o mundo e comigo...

Assim foi sendo...

Vou mostrando como sou

E vou sendo como posso

Jogando meu corpo no mundo

Andando por todos os cantos

E pela lei natural dos encontros

Eu deixo e recebo um tanto

E passo aos olhos nus

Ou vestidos de lunetas

Passado, presente

Participo sendo o mistério do planeta

- Novos Baianos –

Estava na primeira série, a professora Vanessa mandou uma tarefa que deveria alisar a imagem e descrever:



Respondi: a criança pulou em um lago.

Obs: a professora chamou minha mãe para conversar. Ficou preocupada por eu não ter notado a proporção das coisas como são. Afinal lago e poça d'água têm algumas diferenças: minha mãe me questionou em casa e eu respondi:

- Sim, eu sabia que era uma poça d'água, mas lago é menor para crianças.

Cumprido hoje a escrita demandou um esforço, mas cada dia que passa tem se tornado mais prazerosa, principalmente quando é para partilhar meus pulos nas poças d'água ou lagos.

1. TCHAU, TÔ INDO PARA O PONTO DE ÔNIBUS¹...

Ao pensar em uma temática para pesquisa nesta pós-graduação tão especial, veio a recordação das esperas, no ponto de ônibus, em Campo Grande (MS), às 17h15, junto com muitos outros estudantes da faculdade de Educação Física, e alguns comentários dos adultos, que estavam no mesmo ponto, dizendo: “*Vou esperar o próximo, este vai muito cheio*”, “*Muita criança, muita bagunça*”, entre outros dizeres. Isso sempre acontecia, quando calhava de eu estar no ponto neste período do dia. Pensava... O que será que as crianças fazem no ônibus a ponto de alguém querer esperar o próximo? Elas conversam? Gritam? Cantam? Andam? Se penduram? Sim, fazem tudo isso e mais um pouco e quem está indo de volta para casa, depois de um dia cheio de trabalho, muito possivelmente, busca a calma. Eu, ao contrário, mais jovem e talvez menos cansada, gostava de entrar nos ônibus recheados de gente pequena. A viagem passava tão mais rápido. Havia muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Deveria haver outras formas de ocupar aquele território comum em movimento, de modo a incluir as infâncias e seus desejos e necessidades.

Ônibus, transporte coletivo de iguais e de diferentes, responsável pela mobilidade, pelo deslocamento, por alguns tantos encontros e outros tantos desencontros. Tema instigante, senti vontade de compreender melhor e, ao voltar ao ônibus, com o olhar atento às crianças, fui tecendo as perguntas sobre as narrativas vividas e construídas pelas crianças nesses percursos: Sobre o que elas expressam com as palavras e sem? Como dialogam com a cidade que está se apresentando diariamente pelas janelas? Como interagem entre elas? Com os adultos? Com os que chegam e partem? O que mais acontece?

Partindo deste cenário em movimento, na cidade de Campo Grande (MS), marcada por ruas largas, baixa densidade demográfica e grande diâmetro urbano, o objetivo geral desta pesquisa foi de registrar as narrativas vividas e construídas pelas crianças em suas passagens e jeitos de ocupação do transporte público coletivo - os ônibus. A fim de compreender um pouco mais as crianças que habitam a cidade na qual nasci e moro. Considerando os tempos de deslocamento, os ônibus urbanos circulares têm latente as mais diversas possibilidades de encontros e desencontros. Há as esperas, os atos de subir, os deslocamentos, as permanências, as surpresas, os imprevistos, as descidas...

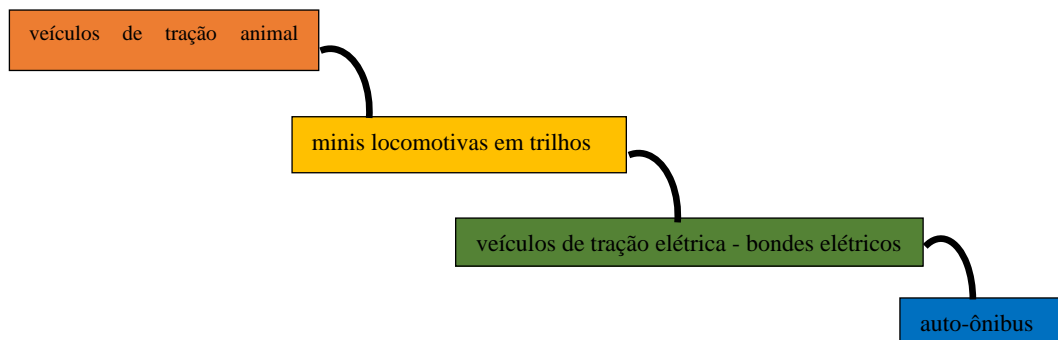
¹ A forma como componho a costura da escrita desta pesquisa traz retalhos dos registros de memórias pessoais, retalhos dos autores lidos e ouvidos, bem como os retalhos dos registros das falas e acontecimentos no campo de pesquisa. Achei importante dizer, e por isso escrevi!

O movimento é uma constante, há a menina que vai à escola, a mulher que precisa chegar ao trabalho, o homem que quer resolver um problema da conta de água no centro, a senhora que está com muita vontade de assistir seus cantores favoritos na praça, as mães e os bebês que vão às consultas médicas, o adolescente que está precisando matar a saudade de sua namorada que mora do outro lado da cidade.... Como chegar? Como se deslocar? Vai de carro? Vai de moto? E se não tem? Vai de ônibus? Sim, vai de ônibus. Quando se quer ir, se encontra jeitos.

O Brasil nasceu indígena e, por muitos e muitos anos foi um país do campo, do plantio e da colheita. No entanto, por opções políticas e econômicas, entre 1970 e 1980 as concentrações de pessoas começaram a mudar no Brasil com o êxodo rural, fazendo com que o país deixasse de ser predominantemente rural e passasse a ser majoritariamente urbano (SILVA; LAPA, 2019). Então este espaço, denominado de urbano, vai sendo constituído, processualmente, como um novo e desafiador cenário "[...] de troca e do encontro das coisas e das pessoas." (SILVA; LAPA, 2019, p.513).

Nesse processo, as famílias camponesas migraram para as cidades com bastante dificuldades de adaptação ao novo estilo de vida imposto pelo processo de industrialização do país. As crianças seguiram as suas famílias. As cidades foram se constituindo corporativas e fragmentadas, com espaços luminosos - expressão da modernização - e espaços opacos - periferias, lugares de exclusão dessa mesma modernização (SANTOS, 1993). Os extensos grupos familiares do campo se separaram, sendo necessário inventar outras dinâmicas e significados de convivência que se sobrepusessem aos distanciamentos geográficos. As cidades foram se ampliando e nossos lugares foram sendo reinventados, pois, como colocou Rolnik (1988, n.p): “[...] não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela.”.

Para que os encontros acontecessem, era preciso percorrer maiores distâncias. A princípio, esses movimentos eram feitos a pé, mas como o fluxo de retirada do campo foi intenso, as cidades passaram a crescer de forma acelerada e a demanda de meios de transporte aumentou. Falando de forma breve, esse novo cenário levou à utilização de veículos de tração animal, sendo o Rio de Janeiro o primeiro a implantar. No entanto, esses veículos, depois de um tempo, precisaram ser repensados em relação à eficiência, pois as distâncias aumentavam e o tempo urbano passou a ser acelerado, não se podia demorar muito. Por conta disso, chegaram as minis locomotivas em trilhos e, logo depois, surgiram os veículos por tração elétrica, denominados bondes elétricos, que conseguiam carregar mais passageiros e, com o tempo, o auto-ônibus passou a ser protagonista (RAMOS et al, 2017).



De caso pensado, os territórios destinados às famílias operárias eram afastados das regiões centrais das cidades, por conta da especulação imobiliária. Terrenos por onde o ônibus passava ganhavam valor e enchiam o bolso daqueles que eram seus donos que, com certeza, não são os que andam de ônibus. Com os serviços concentrados, na maioria das vezes, longe das residências dos que moram nas periferias, se fazia necessário o deslocamento para o acesso às escolas, trabalhos, hospitais, bancos, entre outros (RAMOS et al, 2017).

Em sintonia com esta demanda, mesmo que de modo deficitário, como hoje, as políticas públicas nacionais passaram a olhar com mais atenção os assuntos relacionados ao direito de acesso ao transporte coletivo. O registro sobre essa temática aparece na Constituição Federal de 1988, no capítulo II, artigo sétimo:

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...]

IV - salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim; [...]. (BRASIL, 1988).

De acordo com o estudo de Silva e Lapa (2019), o cuidado da oferta do transporte público coletivo ficou e permanece a cargo dos municípios e, para que houvesse uma regularização em relação à circulação, em 1997 foi criado o Código de Transporte Brasileiro. Em 2001 foi promulgada a Lei 10.257, denominada o Estatuto da Cidade, que estabelece garantia do transporte público urbano ao cidadão e que as cidades que ultrapassam 500 mil habitantes devem ter um Plano de Transporte Urbano Integrado. Em 2012, foi implantada a Política Nacional de Mobilidade Urbana, que tem por objetivo o acesso universal à cidade. O último avanço das políticas relacionadas ao transporte foi a emenda constitucional que

considera o transporte como direito social, obrigando o Estado a garantir este serviço aos cidadãos, com qualidade e na quantidade necessária, visto que este acesso, conseqüentemente, garante o alcance a outros direitos (SILVA; LAPA, 2019).

Por vezes, pode parecer estranho o nome público vinculado ao transporte coletivo, visto que em todas as cidades estes são geridos por empresas privadas². Contudo, Oliveira (2003, p.41) alerta que a prestação dos serviços públicos, por ser essencial ao interesse coletivo, se orienta por princípios gerais:

- a) o da generalidade (serviço igual para todos);
- b) o da eficiência (atualização permanente do serviço e segurança para o usuário);
- c) o da modicidade (o valor da tarifa não deve ser oneroso demais);
- d) o da cortesia (o usuário deve ser tratado com urbanidade); e
- e) o da continuidade (o serviço deve ser permanentemente oferecido ao usuário).

Nessa perspectiva, refletindo sobre o transporte coletivo urbano, o reconhecemos como serviço público de caráter essencial, operado via municípios, em sua maioria, não diretamente, mas por via de concessão ou permissão à empresas privadas, com acompanhamento (fiscalização e política tarifária). Essas condições estão expressas na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Partindo do entendimento do transporte como direito social, temos um número grande de pessoas que por ele passam diariamente, criando uma dinâmica das relações urbanas de deslocamento (RAMOS et al, 2017).

Quando se aponta o transporte como um direito, ressalto as crianças como sujeitos que também deveriam ter este direito garantido, de se deslocar pela cidade, com respeito às suas especificidades. Defendo isso, inspirada nos escritos e ações pioneiras de Mário de Andrade, que em 1935 apontava as crianças como parâmetro para a organização dos espaços urbanos (FARIA, 2012). Ao idealizar e trabalhar no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, teve como centralidade do planejamento das suas ações as crianças e as escutava com atenção e respeito. Teve grande cuidado com as filhas e filhos de operários, proporcionou transformações com suas iniciativas (FARIA, 1999). Isto me fez recordar das minhas andanças...

Andei um bocado de ônibus, e tenho uma recordação sensitiva da primeira viagem. Foi uma diversão. Como filha única, minha mãe não perdia nenhum “flash”, mesmo que ainda estivéssemos na era das câmeras dialógicas e dos filmes de 36 poses. Nesta primeira viagem estava acompanhada da Maridalva, a grande mulher que esteve conosco em nossa casa antes do

² Ao falar da escolha das empresas de ônibus pelos municípios, tenho consciência que acontece por uma série de interesses e acordos internos, geralmente atendendo aos interesses dos empresários e não da classe trabalhadora, mas deixo explícito que neste estudo não iremos adentrar neste quesito.

meu nascimento até meus dezoito anos. Neste dia dormi em sua casa e, na manhã do dia seguinte, fizemos essa primeira viagem. Depois houve outras e mais outras, cada uma com suas histórias e fatos pitorescos. Penso que o desejo de estudar as crianças nos ônibus emergiu no contato com essa memória latente, das experiências vividas por um corpo pequeno no transporte coletivo.

Imagem 1: Viagem de ônibus com Maridalva



Fonte: acervo pessoal

Outro período muito marcante para esta pesquisa foi durante o tempo em que fazia faculdade de Educação Física, entre os anos de 2008 e 2011, na cidade de Campo Grande (MS). As viagens de ônibus, de uma hora e meia até a minha casa, na maioria das vezes acompanhada das amigas e amigos, eram constituídas de surpresas, que me chamavam a atenção. Lembro que ao passar pelo cemitério, ficava caçando algum sepultamento, algo que de carro não conseguia ver. O ônibus ajudava o meu olhar a pular o muro no cemitério. Essa, e muitas outras histórias, me fazem pensar nas possibilidades das experiências vividas neste território coletivo em movimento, mais conhecido como ônibus. Essas experiências seriam o que Bondía traz em seus escritos, o que “[...] nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p.20).

Pensar sobre as minhas experiências no ônibus e rever as histórias de constituição das cidades e do próprio transporte coletivo urbano, fez provocaram o refletir sobre o deslocamento das crianças que, ao serem usuárias do ônibus, vão alinhavando o tecido urbano

tão esgarçado³, rompendo com os estigmas da periferia e do centro, constituídos como opostos. Fazem dos seus movimentos ocupações, marcadas pela subversão da ordem, o que faz aproximar esses extremos - periferia e centro. Nesta perspectiva, as crianças vão mostrando que a cidade é nossa, que a ocupação é direito e devemos por assim fazer. Convidam a pensar que os seus movimentos contribuem para a mobilização das mudanças sociais. Assim sendo, lhe convido para adentrar mais por este universo - criança, ônibus e cidade...

³ Este termo “alinhar tecido urbano esgarçado” foi sugestão de Ana Beatriz Goulart de Faria no processo de orientação. Considero tão potente esta imagem, que não poderia deixar de dar os créditos a ela.

2. VOCÊ JÁ VAI? TÁ CEDO! PARA ONDE? COM QUEM?

Ao estar parada no ponto de ônibus, ao estender a mão para sinalizar que o motorista parasse para que subisse, foram muitos questionamentos ao longo das viagens. Durante os deslocamentos me vi com algumas dessas perguntas: O que me passa quando entro no ônibus? Quem passou por mim? Como se deu essa passagem? Porque peguei em um horário diferente de ontem? Será sempre esse motorista neste trajeto? Vou sentar onde? No fundo? Na cadeira alta com o rosto na janela? Tem lugar? Entra alguém com uma bolsa grande, eu sentada, me disponho a segurar? Entrou um senhor, saio do meu lugar? Estão vendendo doces, tenho dinheiro para comprar? Aquilo que acontece na calçada que eu olho, o que era? Onde vou descer? Passo pelo centro, alguma coisa para resolver? Será que sento ou fico próxima das crianças que escolhem ficar em pé? Sigo alguma criança até o destino final dela? Vou mudando de ônibus? Pego o ônibus com mais crianças e lotado? Ou o vazio, com menos crianças? O método foi se desenhando com o tempo...

Pensava que todas as linhas de ônibus possuíssem um ponto inicial e um final. Gradativamente fui percebendo que, por vezes, a linha não se dá como uma reta, mas sim como um círculo, ônibus circular, que se repete inúmeras vezes ao longo do dia. Quem estabelece o início e o fim são as pessoas. Nestas circunstâncias, o tempo de observação foi sendo definido, não por esse ponto final linear, como imaginado no início, mas por compromissos meus, por destinos escolhidos de forma fixa ou outros mais flexíveis. O horário, que se pretendia a princípio, seria aquele em que a maioria das pessoas prefere esperar para pegar o próximo ônibus, a hora em que as crianças saem das escolas e vão para os pontos. Quando o ônibus passa, embarcam preenchendo os espaços vazios e, como aves em bando, vão pulando de lugar em lugar, tagarelando, bagunçando, empurrando, cutucando, rindo. Fácil passarem por estreitos espaços, encostar, pisar nos pés de alguém.

Um pouco sobre meus trajetos e desenhos da pesquisa... Minha primeira viagem foi pensada partindo de um ponto de ônibus, que se pode fazer integração, ou seja, mudar de ônibus sem custos adicionais. Este se localiza em frente a uma escola estadual, próximo ao centro da cidade de Campo Grande (MS). Pensei neste lugar, na saída da escola, para escolher o ônibus mais cheio de crianças, já que por ali passam muitas linhas. Encontrei mais adolescentes. Foi um significativo mergulho no campo de pesquisa. Vieram as reflexões... Depois dessa minha primeira viagem, me dei conta que a maioria das escolas municipais, nas quais estudam as crianças menores, se encontra nos bairros e, por conseguinte, as crianças que ali estudam,

possuem suas moradias próximas a escola. Mas há exceções, algumas vão de ônibus. Foi o caso da criança, com a mãe, que acompanhei no segundo percurso.

Depois dessa viagem, mais uma vez, retornei para casa pensando. Talvez não precisasse me vincular à saída da escola para pegar o ônibus, mas precisava experimentar mais sobre isso, tentar outros pontos de partida e até mesmo, outros horários. Minha vontade era conseguir acompanhar um grupo de crianças pequenas sozinhas no ônibus. Pensava que o estar sem responsáveis, ou com uma criança mais velha, poderia me dar outras nuances de narrativas vividas nos ônibus por crianças pequenas.

Os fios da pesquisa estavam potentes e, quando estava muito empolgada para mais e mais viagens... a quarentena se fez... Com ela as crianças tiveram as aulas canceladas e seus passes de estudantes também... Assim permanece até hoje (07 de junho de 2020) e, fui convidada a uma outra viagem, que posso acompanhar da janela de casa, a viagem do “tempo do tempo”.

Não quis me arriscar a andar de ônibus, quando voltaram a circular. Isso gerou uma sensação de desânimo e de interrupção ao desejo de continuar a pesquisa. Passei a primeira semana da quarentena relendo meus apontamentos, transcritos do celular para o computador. As minhas emoções oscilavam, tinha dias que acordava, lia e parecia que as duas viagens eram suficientes para escrever sobre os ônibus e as crianças, outros parecia que os dados eram muito superficiais... O que fazer? Bordei...

Imagem 2: Bordado coragem



Fonte: acervo pessoal

A cada ponto, os meus tecidos corporais foram sendo tramados de coragem, assim como o algodão cru em que ia colocando e tirando a agulha com linha. Fui buscando meus caminhos de escrita dessa pesquisa, no desafio de mostrar também meus avessos. Me reconhecendo nas escritas de Furnari (2000, p. 32), ao apresentar a sua coleção “O avesso da gente”:

Para contar as histórias desta coleção, eu escolhi alguns fios e costurei com um bordado. Você já viu avesso de bordado? Tem nó, tem linha pendurada, é

uma confusão! Não dá nem para acreditar que aquele lado feioso faz parte do lado direito, todo bonito. Pois é, o avesso da gente é parecido com isso. Tem coisas que às vezes a gente não quer mostrar, só quer esconder. A beleza, porém, está em saber que todo o direito da gente tem avesso, ou todo avesso tem seu direito, assim como toda sombra tem sua luz.

Com o passar dos dias fui pensando que este trabalho poderia ser um estudo de caso, mas percebi que o tempo distanciava a minha pesquisa dessa proposta. Em estudos de caso há um tempo de permanência, de aprofundamento. O meu tempo da pesquisa, foi o instante, a partícula pequena do tempo. Isso não me pareceu ruim, isso me fez pensar na nova experiência que a pesquisa me proporcionou.

Onde havia pesquisado anteriormente (MANFROI, 2015; MANFROI, 2019) tinha permanecido nas comunidades, estabelecido vínculos, as pessoas sabiam o que estava fazendo ali. Mas no ônibus não coube, pelo menos nas duas experiências que tive, a minha explicação de quem eu era... Quem eu sou? Sou Miraíra? Sou passageira? Sou pesquisadora? Isso poderia ter havido SE tivesse iniciado antes, SE repetisse as viagens e os horários, OU NÃO (obs: acho que as pulgas nascem quando a gente pensa “SE...”, e elas nascem atrás das orelhas, em um tobogã cartilaginoso). Ao escrever sobre essa frequência, me lembrei de uma história que fez eu me dar conta das pessoas de sempre, do motorista de sempre, dos horários de sempre, que podem proporcionar encontros, mas também desencontros... Retornei aos tempos de graduação... Memórias...

Voltávamos da faculdade, normalmente no mesmo horário. Uma amiga e eu, no ônibus 072... Ela desceu no ponto, perto da casa dela. O ônibus começou a andar. Se aproximou de mim um rapaz com um papel na mão e disse:

- Entrega para a sua amiga, meu telefone. Todo dia eu vejo vocês.

Outro dia, voltando com uma outra amiga. Era bem tarde, ônibus vazio, estávamos a fim de prestar atenção na conversa das pessoas. Então fomos trocando de lugar durante o percurso, até acharmos uma conversa que nos interessasse. Era um caso de amor.

Minhas memórias foram chegando e indicando caminhos. Há muitos universos dentro dos ônibus, muitos enredos. Conversei com as minhas recordações de criança, revisitei experiências e fui percebendo que cada ônibus foi peculiar em minha vida. Fui compreendendo, que por mais que a pesquisa se estendesse no tempo, seria a apreensão de fragmentos, de momentos.

Nesse percurso, de uma pesquisa interrompida em sua fase mais pujante, mas com a compreensão de que não estava de mãos vazias, optei por compartilhar as experiências

vividas. Com esse olhar, senti que nas duas viagens, como pesquisadora-passageira não estava com pressa de chegar, as conversas das pessoas me envolveram, os movimentos de cada uma foram mostrando as linguagens comuns e singulares ao mesmo tempo, como por exemplo, para parar o ônibus é necessário puxar a corda ou apertar o botão, mas.... Alguns levantam uns três pontos antes, puxam e aguardam na frente da porta; outros puxam quase em cima do ponto, fazendo o motorista frear mais bruscamente; há quem espere alguém que vai puxar e depois, se não percebem movimento, levantam, puxam e se direcionam para a porta; outros gritam para o motorista para abrir a porta de novo, pois esqueceram de descer. Enfim, os usos são múltiplos... Isto se dá de maneira ampliada para as crianças, que encontram muitas outras formas, para além das colocadas pelos adultos, de ocuparem os ônibus... Fui observando e compreendendo...

No papel de passageira - sentia que como pesquisadora estava camuflada de passageira -, gostei de experimentar esse anonimato em cena, o ônibus oportunizou essa fantasia. Pegava meu celular e, como se estivesse mandando uma mensagem, ia anotando as palavras-chave e as falas centrais, como as pessoas haviam dito, para depois compor as imagens que experimentava. Como conduta ética, de gente e pesquisadora, intencionalmente não fingia não estar ouvindo as conversas. Pelo contrário, olhava e me mostrava atenta ao que estavam dizendo. Isso foi uma delicadeza, pois, quando percebiam a minha atenção, uns olhavam meio desconfiados ou abaixavam o tom de voz e, nesses casos, evitei continuar escutando e também não registrava (o ônibus é coletivo, mas também individual). Outros me viam olhar e continuavam como estavam, não expressavam, corporalmente, incômodo com minha estada. Teve uma história que eu cheguei a rir junto com os ouvintes (oficiais), eles me olharam e acharam graça eu ter ouvido. Outra vez, fui incluída no diálogo como falante e depois colocada no local de ouvinte, isso foi ótimo, me senti entrando na cena, falando e assistindo da coxia. Assim fui me dando conta das sutilezas que compõem o desenvolvimento de uma conduta ética, onde o tempo e o lugar são marcados pelo público e pelo privado, pela previsibilidade e surpresa, como os ônibus.

Especialmente, com a criança que fez parte da narrativa da segunda viagem, fui me aproximando desde o ponto do ônibus. Cheguei, sentei no banco, comecei a trocar olhares com ela. No primeiro ela se agarrou na mãe. No segundo, me olhou por uns instantes e desviou o olhar. Começou a falar com a mãe e me olhava para ver a minha reação. Assim fomos nos aproximando, a mãe se mostrou confortável com nosso diálogo. Trocamos algumas palavras no ônibus. As suas falas foram transcritas da forma como foram ditas. Assim fizemos nossa viagem, passageiras, passamos uma pela outra e seguimos...

Na hora de escrever comecei a pensar... coloco o nome dela? Qual era seu nome? Trocamos outras delicadezas, mas não o nome. Depois fui reler o texto de Kramer (2002, p. 58), em que de forma coerente defende: “De ante-mão recusamos alternativas tais como usar números, mencionar as crianças pelas iniciais ou as primeiras letras do seu nome, pois isso negava a sua condição de sujeitos, [...] anonimato incoerente com o referencial teórico”. Depois dessa revisitação, pensei sobre esse meu encontro do instante, não havendo chance de reencontrá-la em tempos de corona, quem sabe um dia a gente embarque juntas, novamente, e eu conte que inventei um nome para ela, Rara, e descubra como se chama.

No percurso, não havia preocupação com atrasos dos ônibus, havia a possibilidade de viajar junto. No processo das viagens me vinha uma pergunta interna: "**Mira, você “só” observou as crianças?**". Há um tempo atrás me sentiria envergonhada de dizer que sim. Depois de alguns anos de estudo, me sinto privilegiada de “só” fazer isso e essa pesquisa, em especial, se dá a partir do "só observar". Fui percebendo que dentro desse “só”, cabem muitas peculiaridades e muitas possibilidades. Aprendi que esse “só” é muito, que esse “só” depende de presença constante, que esse “só” é possível com o reconhecimento de mim e do outro, que esse “só” se faz na delicadeza e na profundidade. Que o “só” é tão “só”, que de tão simples, é tão precioso.

Com essa percepção, ao me encontrar com o texto especial de Friedmann (2015, p.41) li: “[...] quem observa está se colocando ‘a serviço de’ (ob-servar), atitude de real mergulho e respeito, também a partir das percepções do observador. E do silêncio.”. Me emocionei. Reli, muitas vezes. Outro trecho, trata de um exercício constante de quem está em campo com as crianças: “[...] olhar crianças de forma antropológica implica uma profunda ética e respeito por elas e uma autêntica conexão com nosso ser e com as emoções que vêm à tona durante as observações.” (2015, p.41). Assim vou experimentando como observadora, não estanque, mas aberta ao fluxo da vida.

Senti na experiência, durante meus anos de pesquisa, que para se chegar à condição de observadora, antes, se é muito observada. Neste processo, consegui sentir o peso de um olhar, o alcance de um gesto, a interferência de uma respiração. Dentro dos percursos de ônibus me coloquei na experiência, mais uma vez, de observadora-observada / pesquisadora-pesquisada. O que trago nos achados deste trabalho são os fatos que me chegaram. Possivelmente passei por outros momentos, os quais não me coube encontrar. O visível/invisível “só” se mostra quando quer, para quem quer, como quer. A degustação desses fragmentos tem de ser saboreada e agradecida.

Para a coleta de histórias, a pesquisa teve inspiração na etnografia urbana (MAGNANI, 2002), ou seja, abrir-se para a compreensão do fenômeno urbano, ou melhor, dos muitos fenômenos urbanos. Também estive ligada à antropologia, que desde a década de 1980, trouxe em evidência o fato de que as crianças possuem linguagens e culturas próprias, como atores sociais que circulam e constituem seus mundos de acordo com as suas necessidades diversas (FRIEDMANN, 2015). Ao propor me colocar com as crianças dessa maneira, dei mais um passo neste exercício infinito de aproximação, como coloca Friedmann (2015, p.41):

Assumir um olhar antropológico implica, de forma constante, “se colocar na pele do outro”, acolher, ler o mundo das crianças desde o lugar delas, em diálogo com as nossas percepções adultas e com a nossa criança interior. Não é tarefa fácil, pois significa um permanente e profundo processo de autoconhecimento, uma conexão e presença, colocando as crianças à nossa frente; implica silenciar nossos impulsos e ouvir nossos insights. Trabalho para uma vida!

Com inspiração na maneira antropológica de se fazer pesquisa, busquei o encontro com o outro, que neste caso, são as crianças, que não se configuram como nativas de terras distantes, mas um “outro” que é a criança e não o adulto (SAURA, 2014). Neste caminhar, busquei me colocar em um outro lugar como pesquisadora, em consonância com o que Saura (2014, p.165) aponta: “[...] um dos princípios da antropologia contemporânea é a descentralização da figura do pesquisador para o universo do pesquisado.”. Com essa compreensão, na exposição dos achados e na análise, tentei fazer o exercício de olhar sob o ponto de vista das crianças (SAURA, 2014). Fazer o exercício proposto por Gobbi (2018, p.11) em suas pesquisas com as crianças: “[...] não se trata de falar por elas, mas contar com metodologias que escutem e considerem suas vozes e modos de ver e registrar o visto.”. Acompanhar o trajeto pela cidade em companhia de Rara, foi uma singular oportunidade de resignificar o meu estar no ônibus, na rua, na cidade.

As reflexões e as escolhas foram se dando o tempo todo. Estar em um campo de pesquisa em movimento, foi um exercício de desapego às fórmulas e às estratégias pré-organizadas, mas de reencantamento com as possibilidades constantes do novo. Como pesquisadora-passageira fui criando meus caminhos de pesquisa, que culminaram no encontro com Rara. O percurso foi fundamentando na experiência como coloca Bondia (2002, p. 28): “[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver’ nem ‘pré-dizer’.”. Como guardador de memórias, utilizei o celular. Nele registrei as possibilidades de ocupação dos espaços do ônibus e as falas na maneira como foram ditas - narrativas percebidas por mim. Mais uma vez constatei que há muitos caminhos construídos e

encontrados pelos pesquisadores para registrar as suas andanças e que podemos ousar, como coloca Friedmann (2015, p.43): “Qualquer meio é válido, desde que registremos o que vemos, ouvimos e sentimos.”.

Para que pudesse partilhar das aventuras dessas viagens, a tessitura deste trabalho se compõe de narrativas (MANFROI, 2015), inspiradas no exercício do narrador, cada vez mais raro, como reflete Benjamin (2012): “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (2012, p. 213). Elas me ajudaram a contar dos saberes da experiência que são, segundo Bondía (2002): particulares, subjetivos, relativos, contingentes e pessoais, ou seja, cada ser, frente a mesma cena, terá jeitos diferentes de acolher e compartilhar o que foi vivido. Na sequência deste trabalho, optei primeiro por narrar os fatos e depois por tecer algumas relações percebidas.

3. FUI! ENTRANDO NO ÔNIBUS...

Esses relatos que compartilho são passagens da vida, possíveis pelos encontros e desencontros...

A primeira viagem...

Liguei para a escola que fica em frente ao terminal, para saber qual o horário de término das aulas. O secretário ficou muito desconfiado e me questionou:

- Você é mãe de aluno?
- Não, é que estou fazendo uma pesquisa de como as crianças utilizam o ônibus.
- Ah, está bem! Às 17h10.

Me organizei para estar lá neste horário. Saí de casa e fui para um terminal de ônibus. Esse terminal é de integração, ou seja, nele as pessoas podem trocar de ônibus sem custo adicional.

Enquanto aguardava algum ônibus - não tinha definido qual pegar -, vi alguns adolescentes atravessarem para o canteiro oposto ao local que os ônibus param. Ali conseguiam ver com mais facilidade o ônibus que estava chegando. Além disso, os fumantes também vão para este canteiro esperando o embarque, pois não há telhado. Quando voltei a minha atenção para a parte coberta do terminal, percebi que a moça que vendia salgado divulgava a promoção do final do dia:

- Dois por cinco! Dois por cinco!

Percebi que havia muitos adolescentes com o uniforme da escola. Começaram a surgir as dúvidas: Será que aparecerão crianças? Para que lado vou? Sigo os adolescentes?

Comecei a olhar qual o embarque tinha mais possibilidades de narrativas. Fiquei ali, aguardando o ônibus, ainda não sabia qual. Fiquei olhando para dentro dos ônibus que por ali passavam, para ver se tinham crianças. Não consegui ver as crianças nos ônibus que chegavam, seus rostos não ficam aparentes nas janelas. Janelas altas demais. Fiquei na dúvida de entrar em alguns. No ponto que estava cheguei a ver duas crianças com adultos. Mas como a ideia era observar as que não estivessem acompanhadas, fiquei ali esperando mais um pouco. A hora foi passando e nada de chegar crianças pequenas sozinhas ou acompanhadas de crianças maiores. Até que decidi seguir um grupo de adolescentes. Subi no ônibus. Fiquei um pouco para trás, em pé. Não havia lugar para sentar. Eles foram conversando sobre alguns assuntos... Falaram do que não gostavam em seus corpos:

- Tô tomando chá para emagrecer.

Continuaram falando... Sobre os piercings que tinham e os que iriam colocar, sobre as questões que envolviam a homossexualidade, as paixões, as relações com os pais:

- Eu sou filha única... eu sou mimada, chego em casa a hora que eu quero.

- Eu tenho um monte de irmão. Volto para casa no limite... eu enrolo para voltar para casa.

Segurando no mesmo cano que eu, estavam duas mulheres conversando:

- Tem que arranjar um lugar mais perto para trabalhar.

Me olharam e me incluíram na conversa:

- Você acredita que ela trabalha no shopping e mora na Av. Pioneiras? Longe demais! Tem que procurar um lugar perto do Rádio Clube Campo. Você sabe onde é? - me perguntaram.

- Em frente ao bairro Rita Vieira. Respondi.

- É aquele mesmo que te falei. Lá é perto para você. A outra respondeu:

- É mesmo! Hoje estou acabada. Eu limpei o carpete do quarto do João, amanhã é o dela (patroa).

- Eu odeio trabalhar no sábado.... quem gosta???

Me olharam, eu concordei mexendo a cabeça, dando um sorriso.

Chegamos ao Terminal Morenã, onde as pessoas fazem também a integração, sem pagar uma nova passagem. Ali fiquei mais uma vez olhando, que ônibus pegar? Continuo indo atrás dos adolescentes? Percebi que eles estavam cada um indo para um caminho, e como estavam com seus fones de ouvido, podia ser que não conversassem mais durante as viagens que entrassem.

Decidi pegar um ônibus, aleatório. Nunca tinha feito isso antes, você já fez? Assim fiz. Estava subindo a escada, bem tumultuada, com muitas pessoas, um moço olhou para mim e perguntou:

- Esse vai para o Guaicurus (outro terminal)?

Fiquei sem saber o que dizer. Ainda bem que uma moça ao meu lado respondeu para ele. Entrei no ônibus sem saber para onde ele iria. Fui impulsionada para seguir uma criança, mas ela sentou longe, o ônibus estava lotado e em seguida ela acabou desembarcando.

Chegamos no Guaicurus, outro terminal, desci e dali busquei um ônibus sentido bairro, segui em direção ao Los Angeles, bairro famoso pelos casos policiais. Para mim, uma descoberta, descobrindo outros lugares da cidade. Consegui sentar em um banco, sozinha. Na minha frente havia outra cadeira individual, onde sentou um moço. No segundo ponto após a nossa partida entrou uma moça, veio na direção deste rapaz próximo a mim e falou:

- Depois que casou, esqueceu das amigas?

Eu ri, ela olhou para mim e sorriu também. Ele ficou um pouco sem graça e perguntou pelo marido dela. E então fomos passando pelas ruas do bairro e ela ia contando a história de amor dela. Disse que havia separado, que ele estava bebendo muito. Tinha que buscar ele no bar, ela estava ficando muito nervosa e sendo agressiva com ele. Preferiu então separar, antes que eles se ferissem. Terminou:

- Não quero mais isso pra mim.

Dei a volta no bairro ouvindo essa história, sobre a vida cotidiana. Quando vi, voltamos ao terminal, já era tarde. Dali pedi carona para meu companheiro, que me buscou.

Saí dessa viagem pensando algumas coisas: a escola que pensei de base, é uma escola estadual, que atende as crianças do fundamental I até o médio. Ali no terminal, vi bem poucas crianças pequenas. Fiquei com a sensação de que deveria tentar uma escola municipal, estas estão localizadas no meio dos bairros. Mudei meu ponto de partida para **segunda viagem**.

Esta segunda história pode ser lida ou ouvida...

Para ler, só seguir...

Para ouvir clique no link

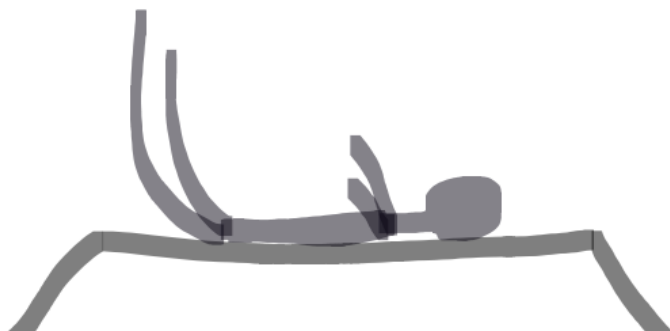
<https://drive.google.com/file/d/1v7QAU4erTg35M7NQk4tlxZznbskuibkB/view?usp=>

Liguei no meio da tarde para uma escola municipal, próxima da casa que morei grande parte da vida. Repeti a mesma pergunta:

- Que horas acaba a aula?
- Às 17h10.
- Agradecida.

Cheguei às 17h10 no ponto. Havia uma menina com a mãe. Outras crianças passaram pelo ponto, umas a pé em direção às suas casas, outras em suas bicicletas, outras em

garupas e nos carros. A menina e mãe estavam conversando sobre a demora do ônibus. Ela estava deitada no banco do ponto de ônibus com as pernas e pés para cima⁴.



A mãe falou:

- Vamos amarrar seu cabelo porque dentro do ônibus é quente.

Passaram dois ônibus antes de chegar o nosso. O meu ônibus seria qualquer um que elas pegassem. A mãe da menina e uma outra moça começaram a conversar:

- Gostava quando ele passava às 17h10, agora passa às 17h20 e a gente acaba pegando aquela fila enorme na frente do colégio Paulo Freire, de tanto carro que tem lá. Ficou muito ruim. Eu quando entro vou lá pra trás, eu não gosto de ficar ali na frente, é o lugar que mais enche.

Chegou o 072, o ônibus que elas iriam subir. Era o mesmo que pegava para ir à universidade, o 072 - Terminal Nova Bahia para Terminal Morenã. De certa forma me senti mais à vontade, até pelo conhecimento do percurso e das muitas memórias que me reavivaram. Subimos, não tinha cartão. Fiquei na parte da frente, até que falei com o motorista e ele disse:

- Veja se ninguém tem passe para te vender!

Veio um senhor que já havia passado e me perguntou:

- Tem trocado, R\$ 4,10?
- Só tenho R\$10,00. Você tem troco?
- Ele me devolveu R\$ 6,00.

Passei. Fiz questão de achar os R\$ 0,10 para devolver.

Com essas circunstâncias, perdi a passagem da criança por baixo da roleta. Fiquei sentida. Ao passar para o lado de lá da catraca, tinha um lugar lá no fundo do ônibus, ficaria

⁴ Os desenhos que acompanham a narrativa foram feitos por mim para a apresentação do TCC.

longe da menina. Não sentei. Me senti estranha, como não iria querer sentar sabendo que a viagem era longa? Preferi ficar segurando no cano perto de Rara, fiquei um pouco atrás dela.

Passaram dois pontos e a menina que estava sentada em um banco individual, na frente da criança e sua mãe, puxou a cordinha. Que beleza! Iria sentada e perto delas. Além disso era um banco mais alto, que ficava muito perto da janela, o vento estava uma delícia.

Logo após me acomodar, o ônibus deu uma freada e ela disse sentada no colo da mãe:

- Quando o ônibus fez assim (demostrou a freada), abriu minha coluna. (Pegou na costela, mostrando a força que sentiu ao movimento do ônibus).



Ela ameaçou apertar o botão de pedir parada do ônibus e a mãe falou:

- Não aperta, se não ele vai parar.

Elas estavam sentadas em assentos no alto também. Quando vi, Rara foi escorregando para o pé da mãe, sentando em sua mochila, acabou ficando do meu lado e eu perguntei:

- Tá bom aí?

Ela me fez um olhar de positivo e a mãe disse:

- Já, já ela vai dormir.

O ônibus continuou. Há uma parte do trajeto que ele desce uma das únicas ladeiras de Campo Grande. Eu sempre gostei de descer ali. A menina que estava nos pés da mãe, não estava vendo a rua, mas sentia e, rapidamente, foi para o colo e disse:

- Vamos descer, põe o cinto.

Como estava na frente delas, não fiquei olhando a todo momento. Mas nesta hora olhei para ver que cinto era esse.



Esticou as pernas e os braços para frente no colo, e a mãe com as mãos em torno da barriga da menina fez o cinto de segurança. Ela sorriu e falou:

- Acabou. Tem mais uma na frente. Vamos lá mãe, tem mais uma.

Estica os pés e os braços mais uma vez. A mãe circunda a sua cintura e mais uma vez o cinto é acionado. Ela riu e falou:

- Agora eu vou controlar o ônibus e fazer um monte de coisa rebelde. Eu tirei esse motor e coloquei o velho, que corre mais. Agora eu vou fazer um chá para você. Está pronto, pode tomar.

- Obrigada.

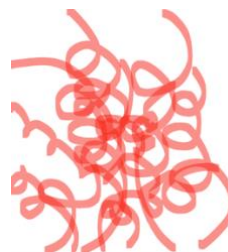
A mãe pega o chá e bebe.

- Vou beber uma mesa inteira de chá. Hoje na hora do recreio, eu tinha um dinheirinho e comprei um gelinho e dividi com Maria flor. O meu amiguinho deu outro gelinho e eu mesma comi.

O ônibus parou em um ponto e avistei uma menina em pé segurando o pilar do ponto de ônibus, no qual girava.

Dentro do ônibus, Rara continuou a sua conversa com a mãe:

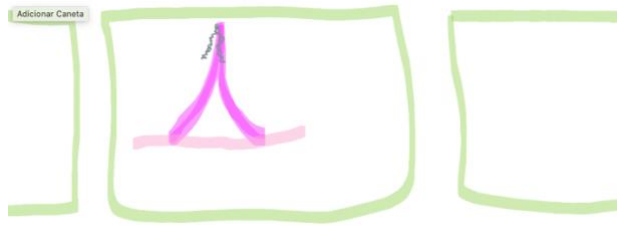
- Cabelo cacheado é de bololoias.
- Quem falou isso para você?
- Eu gosto do meu cabelo.
- Seu cabelo é lindo.



Passamos em frente da TV Record, lá tem uma grande antena de ferro, e a menina:

⁵ Termo usado por Rara como sinônimo de cabelo encaracolado.

- Olha a Torre Eiffel de Paris, mãe. A bruxa malvada de Rapunzel pôs ela em uma torre. Eu preciso ir no banheiro.



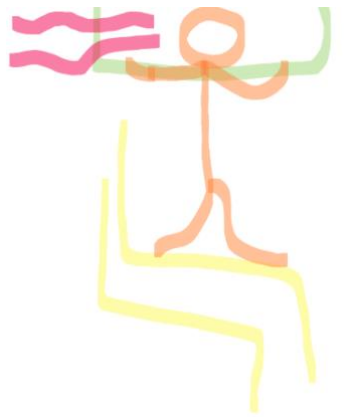
- Aqui não dá para descer. Você vai ter que segurar.

A moça ao lado da mãe dela puxou a cordinha, ficou o lugar vago. Ela foi e sentou na cadeira. Passou um tempinho, estava em pé, a mãe:

- Se você ficar em pé e se machucar, vai ficar de castigo.
- Vou ficar aqui pegando um ventinho. Mãe, minha mão virou uma tesoura.

Ao me sentar meu cabelo ficou um pouco para trás do banco, quando senti ela com seus dedos cortando meu cabelo.

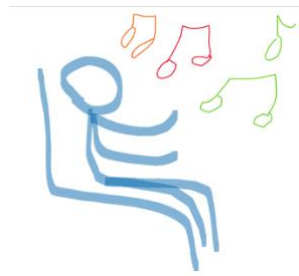
- O ventinho tá bem bom mãe!



- Você vai ficar de castigo.
- Você falou que eu sou linda? Ai que bom!
- Você está dando água para as suculentas lá em casa?
- Sim! Deixa comigo!
- Você viu o Adão? Estava na calçada.
- Eu vi o Adão. Ele é meu tio?
- É!

Começou a falar a frase:

- Eu vi meu Tio Adão na calçada. Eu vi meu Tio Adão na calçada. Eu vi meu Tio Adão na calçada. Eu vi meu Tio Adão na calçada.



Repetiu muitas vezes, a frase foi ganhando ritmo, sonoridade... Ela começou a cantar.... Uma moça que estava mais à frente do ônibus, olhou e deu uma risadinha. Olhou para mim, viu que eu estava rindo e sorriu. Trocamos sorrisos. Tudo isso porque: “Tio Adão estava na calçada.”.

- Já vamos descer?
- Logo, logo.
- A hora que ele virar, você fala 1, 2, 3 e já! Que eu vou apertar o botão do ônibus.

Quando chegou na última curva para entrar no terminal Morenã, a mãe:

- 1, 2, 3 e já!

Ela apertou o botão:

- Chegamos!

Descemos!



Essa viagem me fez pensar em desapegar do horário de saída das escolas, começar a pegar ônibus quando pudesse e, encontrar as crianças e as narrativas que me cabiam...

Aqui continua com novas narrativas que forem surgindo...

(Escrevi e destaquei está frase no dia 16 de março de 2020. - Pausa!)

Sobre a continuação...

Tempo: - Será?

Eu: Claro! Tenho muitas viagens a fazer...

Tempo: Me aguarde....

Assim a quarentena chegou, com seus desafios e descobertas. Quem sabe do tempo é ele mesmo. Assim como quem sabe das crianças, são elas mesmas. Cabe a nós, adultos, silenciar, aguardar e ouvir.

4. AS VIAGENS DENTRO DAS VIAGENS....

Passo agora a refletir sobre essas viagens que couberam em meu destino (HILLMANN, 2001). Em minha primeira viagem, foi como uma reaproximação ao universo do ônibus, fui me dando conta de como o terminal é utilizado por aqueles que ali passam: uns querem fumar, se afastam, outros querem paquerar e encontram um cantinho menos a vista, outra quer pegar lugar no ônibus para ir sentada, não arredando o pé de onde, mais ou menos, o ônibus para todo dia, outra compra um salgado... Ao entrar no ônibus as opções são muitas... Tem aqueles que vão com um fone e o som tão alto que o todos escutam, aqueles que ficam em pé ao lado da cadeira onde o amigo está sentado e ele segura o seu material, outros vão bem perto da porta e não se importam com o entra e sai, há quem durma, uns vão em silêncio e muitos conversando sobre amores, trabalho, filhos... para além do ônibus em movimento, há a vida, também em movimento...

Nesta etapa, não me preocuparei em ser linear como nas narrações anteriores, vou fazer o exercício de focar em algumas imagens que me tocaram nesta viagem de ônibus com Rara. Como estava sentada na cadeira em sua frente, não conseguia olhar para trás todo tempo, a fim de acompanhar seu corpo em movimento, o tempo todo, mas pude fazer um exercício de escuta e por vezes com alguns olhares. Quando ela começou a cantar: “*Eu vi meu Tio Adão na calçada. Eu vi meu Tio Adão na calçada. Eu vi meu Tio Adão na calçada...*” e possibilitou a troca de sorrisos entre eu e uma passageira adulta, me lembrei do poema de Thiago de Mello (1984, p.141):

Na roda do mundo,
mãos dadas aos homens,
lá vai o menino
rodando e cantando
cantigas que façam
o mundo mais manso,
cantigas que façam
a vida mais justa,
cantigas que façam
os homens mais crianças.

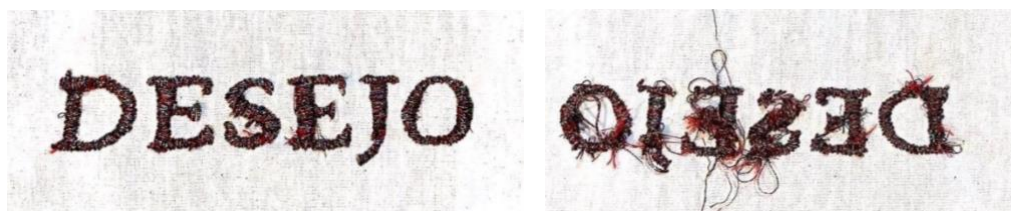
Foi exatamente essa sensação que me veio à lembrança com a cena, a mudança de estado íntimo, que a abertura para a voz da criança me trouxe naquele momento. Era final do dia, a maioria das pessoas estava voltando de suas jornadas de trabalho, ônibus lotado e ela com sua cantiga nos colocou na experiência de desfrutar do momento. Sorrisos trocados, leveza. Na presença desta cena, me aproximo do que Gobbi (2018) coloca em um estudo por meio das

fotografias, feitas por Zé Carlos, do caminho da escola para sua casa: “[...] convicção de que as crianças são seres inventivos, criativos e capazes, sendo o que é entendido em estudos sociológicos como agentes que negociam e criam novos modos de ser e viver a cidade, por que não, também afetando as relações cidadinas.” (pp. 10-11).

O meu estar com Rara se deu dentro de uma compreensão que vem sendo fortalecida, desde a década de oitenta, em que as crianças são colocadas como protagonistas, potentes, sujeitos históricos, portanto, produtoras e receptoras de cultura (GOBBI, 2010). Nesta perspectiva, como pesquisadora-passageira tive que “[...] inventar novos cálculos, novas regras. Que dêem conta da surpresa, do imprevisto.” (FARIA, 2012, p.14). Portanto, segundo a mesma autora: “Cabe agora saber como daremos conta das novidades. Pois elas não cabem mais na velha fórmula forma - função, pois os lugares passam a servir para outras coisas, a significar outras coisas, uma vez que o caminhante atualiza as proibições e as possibilidades dos lugares.” (2012, p. 14).

Com a constante renovação dos significados, Rara foi me mostrando que o botão de parada poderia ser outra coisa, que o braço de sua mãe, rapidamente, tornar-se-ia um cinto de segurança, que trocando o motor do ônibus poderíamos andar mais rápido, que o chá poderia ser servido a qualquer momento durante a viagem, bastava o desejo. Palavra intensa para a criança Rara, uma viagem guiada pelos desejos...

Imagem 3: Bordado desejo



Fonte: acervo pessoal

Fui bordar, me reconectar com o desejar... Peguei a linha muito especial para mim, cheia de brilhos e cores. Ela estava há um tempão esperando para ser manuseada, viajou comigo para muitos cantos, não sabia a hora que ela teceria. Abri meu estojo de linhas, olhei para ela e desejei bordar... No ir e vir da agulha fui descobrindo, é a linha mais chata que já bordei... Linha seca, que quebra, dá nó, enrola... Nem todas as costuras são tranquilas, mas não tive receio, esses momentos nos trazem nossos avessos que não aparentam tanta simetria quanto o exposto, mas são preciosos... Experimentei meu desejo... Assim como as crianças, que desejam muito,

o tempo todo. O desejo é para elas a mola propulsora da sua existência no mundo... Que se revela nos seus brincarões...

Ao acompanhar Rara seguindo seus desejos, percebemos a potência de suas criações, ela cria brincando, não poderia ser diferente, pois o brincar: “[...] se expressa como linguagem e como processo de elaboração de significados e sentidos coletivos, contextualizados e enraizados no universo social que o legitima.” (DEBORTOLI, 2004, p. 20). Ao olhar para a Rara brincando, seu corpo se desenha no desejo e na entrega, ficando evidente o que sabiamente Pereira (2013, p.53) escreveu: “O espaço da criança que brinca é o aqui, o tempo é o agora, e a sua ação é o seu eu que se manifesta através do corpo, afirmando a vontade e a liberdade de ser.”. O brincar de Rara nasce em seu corpo porque, de acordo com Pereira (2013, p. 54-55):

A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo. Nossos sentidos assimilam, produzem e são continentes de conhecimentos significativos da nossa existência.

Olhando para Rara, percebo que o ônibus se torna um potente espaço de subversão, de adentrar e nada do que é feito por ela é aleatório (PEREIRA, 2013). Brincando com seus elementos: botões, bancos, janelas... ela ressignifica a realidade e temos a chance de refletirmos sobre a recriação do mundo. Ao observar seus movimentos e utensílios de brincar, percebo que apesar de uma indústria muito empenhada em vender brinquedos para as crianças, com finalidades explícitas, ainda temos a esperança, como aponta Benjamin (2012, p.266): “[...] de superar o erro profundo segundo o qual o conteúdo representacional do brinquedo determinaria a brincadeira da criança, quando na realidade é o contrário que se verifica.”. Segundo o mesmo autor, quanto mais moldados, ou estruturados a forma da representação de um brinquedo, mais se distancia da sua participação na brincadeira viva, menos contribui para a brincadeira, pois segundo ele: “[...] a imitação pertence à brincadeira, e não ao brinquedo.” (BENJAMIN, 2012, p.266). A criança, a partir dos seus desejos vai brincando com e na cidade, se colocando e alterando as formas pré-estabelecidas dos elementos urbanos, transgredindo...

Pereira (2013) complementa ao colocar que o mundo interno das crianças corresponde aos parâmetros advindos da percepção de realidade delas e por vezes podem não corresponder às leis direcionadas a cada objeto externo. Portanto, as finalidades dos objetos tornam-se menores ao se deparar com a vitalidade que a criança deposita em cada um (PEREIRA, 2013). Rara foi tocando os objetos e eles foram ganhando novas possibilidades,

novas finalidades, novas formas de ser e existir, assim como ela e quem teve a oportunidade de entrar nas narrativas que propôs, nos instantes da viagem.

Rara esteve no ônibus, acompanhada de sua mãe. O ônibus que se coloca no espaço público da vida, circula pelas ruas das cidades que, normalmente, são vistas como perigo para as crianças. Em uma parada, olhei para fora e, ao ver uma menina sozinha no ponto de ônibus, rodando, pensei: “Será que devo descer e pegar o ônibus com ela? Ela vai ficar sozinha no ponto?”. A preocupação se fez e logo voltei aos textos lidos e às experiências com as comunidades tradicionais, que reforçam a importância de dar tempo e espaço para que as crianças desenvolvam sua autonomia, ou seja, acreditar na capacidade das crianças em estarem e agirem no mundo sem a mediação dos adultos. A cidade é também das crianças e deve ser ocupada por elas, de fato! Só assim haverá possibilidade de mudanças das configurações dos espaços urbanos que acolham as suas especificidades. Nesta perspectiva, não cabia a mim, como a nenhum adulto descer do ônibus para acompanhar aquela criança, a cidade é dela também. Esta passagem me fez refletir com a pergunta trazida por Gobbi: “Quais usos da cidade estão disponíveis às crianças e quais aqueles construídos ou inventados por elas?” (2018, p.12). Tonucci (2008, p.242) também nos convida para a reflexão:

Imagem 4: Resposta de Felipe



Fonte: (TONUCCI, 2005, p.242).

Uma afirmativa tão lógica, talvez óbvia, se apresenta quase inviável nos espaços urbanos pensados e construídos pelos adultos, a serviço do chamado progresso. Nos tempos e nos espaços das cidades há lugar para muitas coisas - edifícios, lojas, indústrias, carros -, cada vez menos recantos de convivência, com a natureza e com as crianças.

Ainda pensativa e conversando com autores, continuei a viagem. Uma das vezes que olhei para trás foi quando Rara falou: “O ventinho tá bem bom mãe!”. Ela estava em pé na cadeira, sozinha, segurando a janela e com a cabeça para dentro do ônibus. O vento entrava e batia nos seus cabelos *bololoia*. Ela tinha desejo de uma janela que seu rosto alcançasse e fez lembrar Manoel de Barros (2010, p. 156): “Quem anda no trilho é trem de ferro Sou água que corre entre pedras: - liberdade caça jeito.”. Com essa movimentação, Rara trazia reflexões para melhoria da experiência da criança no ônibus: as janelas, as crianças conseguem ver as ruas? Como fazer para a criança sentir o vento que entra pelas janelas? Tem como pensar em ônibus com janelas mais baixas? Será perigoso? Será utopia? Não há respostas exatas, mas há caminhos a se pensar... Tim Gill (2016, s/p) em entrevista pontuou: “Eu sou um grande fã do Henrique Peñalosa [prefeito de Bogotá] que tinha um slogan de que a criança é um índice para a cidade, ou seja, se ela está boa para uma criança, ela está boa para todos.”. Importante destacar que Mário de Andrade foi precursor do slogan em 1935, quando olhava e escutava as crianças ao planejar mudanças urbanas (FARIAS, 2012), bem como Tonucci (2005).

Para além das importantes percepções da estrutura física pouco adequada para a acolher as crianças pequenas, com a ajuda de Rara, ressignifiquei o ritual do ônibus. Desde quando a olhei deitada no banco do ponto de ônibus com os pés e mãos para cima, me deslocuei da horizontalidade do campo da visão. Exercício profundo de ressignificação, não como uma criança, ou seja, não exatamente como Rara, pois a intenção foi de ocupar o meu lugar, como adulta, dentro da minha construção histórico-social, mas também sensível à escuta das crianças. Assim, na liberdade de ser e de pensar, me permiti ampliar a utilidade única que as coisas parecem ter, para desfrutar das outras viagens que Rara oferecia com as suas narrativas.

Como o menino Tiago da história de Mia Couto (2013, p.64): “[...] criança sonhadeira, sem outra habilidade senão perseguir fantasias.”, Rara foi tecendo as suas criações e recriações, que contavam com a participação de elementos presentes no ônibus, mas também fora dele. Depois daquele dia, ao passar pela torre de TV, olho bem lá no seu topo imaginando a Rapunzel. Rara, ao falar da torre em que Rapunzel estava, abriu a possibilidade de reencantar a cidade que habita em mim também, com Torre Eiffel e tudo. Acessar este direito de releitura do mundo, pode ser reaprendido com as crianças, que são mestras no assunto... Os elementos

que ela trouxe também já passaram por mim, é como um despertar para algo adormecido, como bem colocou Benjamin (2012, p.266):

A criança não é nenhum Robinson, nem constituem as crianças nenhuma comunidade separada, mas são partes de um povo e da classe que provêm. Por tanto, tampouco o brinquedo infantil atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, signos, entre a criança e o povo.

Seguindo na viagem com Rara, me lembrei daquela minha primeira viagem no ônibus, onde o tempo não importava, o que realmente importava eram as pessoas, as paisagens, as interlocuções, os movimentos... Dialogando com o que Tonucci (2005, p.89) traz em seus escritos: “Para a criança o ato de se deslocar é um percurso, um itinerário, feito de muitos pontos intermediários, cada um dos quais sendo mais importante do que o ponto de chegada, que representa apenas o fim das descobertas e a da aventura. Exatamente o oposto do adulto.”. Eram muitos detalhes para serem vistos... Essa experiência só é possível pela própria experiência, como colocou Tim Gill em uma entrevista dada em 2016:

Uma das coisas que faz uma boa infância é que crianças gradualmente possam conhecer o mundo além de suas casas e escolas. Porque senão, eles não crescem adequadamente, eles não conseguem a confiança para fazer seu caminho no mundo. Essa é uma grande preocupação minha.

[...] se quisermos que as crianças sintam que são parte de uma comunidade, que eles não são só um filho ou aluno, mas que eles pertencem à cidade, que eles têm direito à cidade, que eles têm responsabilidade e conexões com outras pessoas, se quisermos isso, se quisermos que eles se sintam cidadãos engajados, temos que garantir a eles a chance de sentir essas conexões. E isso não se ensina. Temos que permitir que eles aprendam por si mesmos, pelo dá-e-toma de estar fora de casa, você só tem isso com liberdade. Sem liberdade, não há conexão com a cidade, com o mundo.

Estas falas de Gill dialogam com o que Pereira escreve ao olhar para as crianças: “E é nesse corpo em movimento que se dá o surgimento das habilidades que constroem a sobrevivência humana.” (2013, p.54). Rara ao esperar o ônibus, ouviu de sua mãe: “Vamos amarrar seu cabelo, porque dentro do ônibus é quente”. Ao ouvir essa frase olhei para o céu, senti o vento, comecei a notar o quanto estava suada. Tirei a mochila do colo, coloquei no banco do ponto, ao lado do corpo. A mãe amarrou o cabelo de Rara. Fiz um coque no meu cabelo, melhor chamar de nó. O vento começou a bater na nuca, que delícia. O ônibus chegou. Entramos. Ao se movimentar junto com o ônibus, Rara foi percebendo o que acontecia com seu corpo. Logo após a freada falou: “Quando o ônibus fez assim (demostrou a freiada), abriu minha

coluna.”. Esta é uma percepção preciosa, o que me acontece quando acontece alguma coisa fora? O dentro e o fora, o interno e o externo vão dando tonalidades para esse corpo que está em constante processo de degustação, que se traduz na experiência trazida por Bondía (2002) ao escrever sobre a etimologia da palavra:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. [...] a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (p. 25).

Rara se mostrou no percurso do ônibus como esta travessia do perigo, como um sujeito da experiência que: “[...] tem algo desse ser fascinante que se ex-põe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.” (BONDIA, 2002, p.25). Ao se colocar nesta entrega, seu corpo foi se constituindo com as marcas do caminho:

Há uma parte do trajeto que ele desce uma das únicas ladeiras de Campo Grande. Eu sempre gostei de descer ali. A menina saiu, rapidamente, dos pés da mãe, não estava vendo a rua, mas sentia, foi para o colo e disse “Vamos descer, põe o cinto”.

Lembrei de minha adolescência ao acompanhar esta cena de Rara. Com uns quinze anos, no carro voltando da escola, algumas vezes, fechava os olhos, brincava... Eu imaginava em que local do trajeto estávamos e abria o olho para confirmar se era no lugar que havia pensado. Muitas vezes eu acertava. Para adivinhar, pensava no percurso... Passei por três quebra-molas, paramos em duas esquinas seguidas, ficamos um tempo alongado parados - deveria ser o sinal -, onde estou então? Já sei! Assim, o caminho se fazia de pausas e deslocamentos, estava no meu corpo. Havia uma repetição de trajeto, de tempos, espaços, sensações...

Depois de escrever e reler a viagem com Rara, percebi que há alguns assuntos variados, dependendo do que aconteceu no dia, como o gelinho, o tio na calçada, o cabelo bololoia... Mas há gestos de todo dia, ela criou um ritual da viagem, uma intimidade com o ônibus. E seu corpo dialogava o tempo todo, houve um desejo por fazer xixi e teve que esperar... Será que os ônibus deveriam ter banheiros? A sua mãe foi sua parceira, com seus braços fez um cinto e com sua contagem engrandeceu o evento de apertar o botão. A mãe falou em castigo, mas em nenhum momento retirou Rara de alguma posição que estava, deixou ela se movimentar. Essa história me fez pensar em como as crianças necessitam da repetição, reflexão feita também por Benjamin (2012, p.270-271): “[...] além de todas as regras e ritmos

individuais, rege o mundo da brincadeira em sua totalidade: a lei da repetição. Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como ‘brincar outra vez’.”. Complementa dizendo: “[...] o adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente a sua felicidade quando narra a sua experiência. A criança a recria, começa sempre tudo de novo, desde o início.”(BENJAMIN, 2012, p.270).

Conduzida pelo desejo da repetição, fui olhar novamente o vídeo “Caminhando com Tim Tim”. Valentim, de um ano e quatro meses, foi filmado no trajeto de sua casa para casa de sua avó. Além das imagens serem muito sensíveis e profundas com Tim Tim estabelecendo relações e descobertas em seu caminhar, o que remeteu à Rara dentro do ônibus, dois momentos da narração me marcaram pela forte relação com o que Rara me trouxe:

Valentim tem me ensinado sobre caminho e que o tempo é senhor de delicadezas, desafios e novidades constantes e intermináveis.

Todos os dias, cada dia um olhar atento sobre algo novo no trajeto, mas sempre com os quatro encontros, a sentir falta quando algum não tá. Valentim tem me ensinado sobre os caminhos, caminhares e destinos. Que o chegar não é mais valioso que a andança, que o encontro é precioso e necessário.

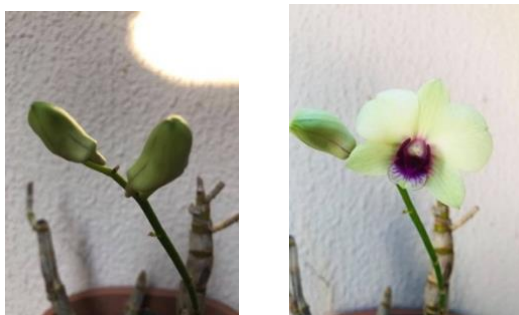
Assim como Valentim, Rara está pronta para repetir alguns gestos, mas muito disponível para o novo que se apresenta, sempre! Ela, sabida, ficava atenta ao percurso... Saboreava. Ela aproveitou para cortar meu cabelo. Eu realmente saí com um novo visual depois dessa viagem. Um visual mais atento ao ordinário que pode tornar-se extraordinário, com o ato de ampliar e intensificar as imagens, como coloca Hillman (2001) ao falar daqueles que ouviram profundamente seus chamados, e se encaminham aos seus destinos e são vistos como pessoas extraordinárias.

As crianças, neste caso Rara, me permitiu uma conexão profunda com o presente, com a escuta do desejo. Esse exercício tão complexo, pela necessidade de silenciamento interno, levando em conta os ruídos externos, levam ao real sentido de destino. Que ultrapassa o terminal de ônibus Morenã, um dos destinos propostos pelo ônibus 072, mas a infindável viagem para dentro de cada um de nós a procura dos nossos destinos. Essa sensação dialoga com o que falou Stela Barbieri⁶ ao relembrar uma colocação de Lydia Hortélio: “O nosso principal compromisso na vida é florescer!”.

⁶ Fala retirada de uma aula ministrada para a turma de pós graduação A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias, no dia 26 de abril de 2020, encontro online devido ao COVID-19.

Durante a pós tivemos muitos momentos preciosos, um deles foi de ser conduzida a uma viagem, a constituição da humanidade com Rita Mendonça, pensando... Há quanto tempo estamos aqui? O quanto de liberdade você dá para si mesmo ser quem você é?

Imagem 5: Orquídeas de casa durante a escrita da pesquisa



Fonte: acervo pessoal.

Para florescer, o botão experimenta, nós também experimentamos. Isso não se desencadeia de uma postura ativa, de fazer constante, mas pelo contrário, como aponta Bondia (2002, p.24): “[...] seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.”. As flores e Rara estavam plenas e entregues. Demostram a profunda possibilidade de se colocar no mundo em “[...] ‘ex- posição’, nossa maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (BONDIA, 2002, p.24). Abertas às transformações.

A flor e a Rara, florescendo. Acompanhei.

O florescimento da flor e de Rara na cidade, demostram o movimento pulsante da vida. A flor rompe com a sua condição de botão e abre. Rara rompe com a sua condição de vir a ser e se coloca como quem já é. A observação singela do percurso de Rara me fez pensar em seu corpo no universo do ônibus, como uma fagulha potente, capaz de incendiar, o processo de conectar coisas tão separadas, como periferias e centro da cidade. Fortalecendo o processo de conquista e garantia de direitos das infâncias com relação aos espaços da cidade, mas também aos nossos, como adultos. Neste sentido, são caminhos de mão dupla nos quais as crianças também colaboram para a luta geral pelo direito à cidade, pela mobilidade urbana, pela ressignificação e requalificação dos espaços de vida.

5. CHEGUEI? HÁ CHEGADA? DESCI DO ÔNIBUS, MAS EU VOLTO...

O desenho da pesquisa foi gestado no entusiasmo e no desejo de mais conhecer as crianças que habitam a cidade na qual nasci e moro. No desenho inicial, um encontro instigante - crianças e ônibus. Barulhentos, coloridos, abertos aos coletivos, em constante circular. Um vírus atravessou o caminho, o mundo recuou, a cidade parou... As certezas se mostraram frágeis... Estamos convidados e desafiados a repensar nossas relações, nossas escolhas, nossas vidas...

Neste contexto de pausa, foi preciso reinventar o estradar, redesenhar a pesquisa, ousar. Entre linhas e bordados, as memórias foram revisitadas e a experiência se fez. O que pareceria ser pouco, duas viagens, com o registro da narrativa de uma criança, foram reveladoras. Percebi que o exercício de escuta por meio da observação, é profundo se feito de um por um, como o desenrolar desta pesquisa me trouxe. Foi uma imersão nas sutilezas apresentadas por Rara. Algumas perguntas ficaram sem respostas, mas coube a mim, pesquisadora-passageira, registrar as narrativas que me chegaram e com elas viajar para outros encontros.

Neste momento, temos a chance de pensar e discutir as regras que já eram excludentes, de olhar para as crianças, em sua maioria limitadas de espaços, e pensar em como ampliá-los por agora e posteriormente... A dinâmica das cidades está alterada, estamos vivendo de pernas para o ar, retornando ao espaço privado, à convivência familiar cotidiana para quem tem essa possibilidade. Tonucci, em uma fala atual⁷, sugeriu que as casas se reconheçam como laboratórios com as crianças, para que elas descubram processos de eletricidade, sistemas de água, habilidades para trocar lâmpadas... Como ele mesmo dividiu com os ouvintes sobre sua aprendizagem de quarentena: “Eu sabia escrever livros, mas não sabia pregar botões”. Sempre há algo para se experimentar. Ainda sugeriu que no primeiro dia pós pandemia, quando formos liberados a sair das casas, que deveríamos deixar somente as crianças saírem com seus amigos nas ruas, para descobrirem a cidade sozinhas. O lugar central que coloca as crianças em suas falas e escritos, esboça a confiança que ele tem nelas. Como esta confiança é realmente revolucionária, para a humanidade, se posta em prática. Ainda não sabemos quando e tampouco como, mas possivelmente a pandemia vai passar...

O movimento novamente estará presente, é necessário. Haverá histórias de todo dia com um toque diferente, ou não. Haverá novidades, ou não. Haverá, novamente, o pulsar da

⁷ Fala no dia 24/05/2020 em uma conferência online intitulada “Diálogos sobre educação: escola e conhecimento em tempos de pandemia. Disponível em: <https://youtu.be/OZ5N-WjqKUA>.

vida para além das casas e das famílias. Os motoristas levarão a caminhos pré-definidos, a gente vai saber que vai passar por eles, ou não. Mas como eles se constituem em um dia de chuva? De sol? À noite? De dia? Cheio? Vazio? Se sabe pouco ou quase nada. Aí está a graça! Se percorre o familiar, com a chance constante de acontecer um estranhamento, ou seja, o inesperado, na poética musical de Zeca Baleiro...

De você sei quase nada
Pra onde vai ou porque veio
Nem mesmo sei
Qual é a parte da tua estrada
No meu caminho

O começo e o fim, o ponto de partida e de chegada, esta pesquisa demonstra que há sempre uma continuação. Estar com as crianças sempre é surpreendente. As crianças continuam, ininterruptamente, a transformar, subverter e a ressignificar o mundo. Por isso, e por muitos outros motivos, as pesquisas com as crianças, que compartilharem as suas maneiras de ser e estar no mundo, devem se ampliar o quanto puderem, para que a partir delas a gente consiga acolher melhor as crianças em nossos cotidianos e, assim, tornar as cidades e, conseqüentemente, a vida melhor para cada ser humano.

Um poeta moderno disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer; para quantas pessoas essa imagem não surge de dentro de uma velha caixa de brinquedos? (BENJAMIN, 2012, p.271).

Pode ser que essa caixa de brinquedos seja o próprio ônibus... Quem sabe?

Quem sabe se esta pesquisa feita em Campo Grande (MS), onde gestores possuem ainda um olhar indiferente às crianças na cidade, possa contribuir para junto com elas repensar as políticas públicas de mobilidade urbana por aqui?

Num campo de ausências, pode ser uma sementes...

⁸ Esta frase foi dita por Ana Beatriz Goulart de Faria no processo de orientação. Considero que ela trouxe uma imagem dos desdobramentos que está pesquisa pode levar... Pois tão importante quanto fazer pesquisa com crianças, é também se colocar como parceira delas na luta por uma cidade mais acolhedora.

COMPANHEIROS DE OUTRAS VIAGENS

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, W. História cultural do brinquedo. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 8 ed, 2012. p.263-266.

_____. Brinquedo e brincadeira. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 8 ed, 2012. p. 267-271.

_____. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 8 ed, 2012. p. 267-271.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1998.

COUTO, M. O embondeiro que sonhava pássaros. In: COUTO, M. **Cada homem é uma raça**. São Paulo: Companhia das letras, 2013. p.59-72.

DEBORTOLI, J. A. O. Brincadeira. In: GOMES, C. L. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.19-24

FARIA, A. B. G. A fala dos passinhos errantes: a infância mensageira.. In: Espaços Narrados: a construção dos múltiplos territórios da língua portuguesa. São Paulo: **Anais...** Seminário Espaços Narrados: a construção dos múltiplos territórios da língua portuguesa.. São Paulo: FAUUSP, 2012. v. 1. p. 1373-1388.

FARIA, A. L. G. Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educação & Sociedade**, São Paulo, n. 69, Dezembro/1999.

FRIEDMANN, A. O olhar antropológico por dentro da infância adentrando nas casinhas das crianças. In: MEIRELLES, R. (org.). **Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

FURNARI, E. **Lolo Barnabe**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

GILL, T. Crianças no espaço público são grandes ativadoras de comunidades. Entrevista concedida a Pedro Nogueira. **Educação e Território**, São Paulo, dezembro, 2016. Acesso em: 23 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/tim-gill-criancas-no-espaco-publico-sao-grandes-ativadores-de-comunidades/>

GOBBI, M. Conhecer infâncias brasileiras: meninos e meninas em de Mário de Andrade. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v.3. n.1, p.70-85, jan./jun 2010.

_____. Entre a casa, a rua e a escola: o que o menino viu? Itinerários de uma criança em

São Paulo. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 9, n.52, p.8-27, Jan./Mar 2018.

HILLMANN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRAMER, S. A autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p.41-59, julho/2002.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas de uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, jun 2002.

MANFROI, M. N. Ser criança na Costa da Lagoa: memórias, brincadeiras e natureza. 2015. 331 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____. Nas artesanias de ser criança em um santuário ecológico - Pantanal (MS). 2019. 242 f. **Tese** (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MELLO, T. **Vento Geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

OLIVEIRA, J. G. R. A Importância do Sistema de Transporte Coletivo para o Desenvolvimento do Município de Campo Grande – MS. 2003. 110f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, 2003.

PEREIRA, M. A. P. **Casa Redonda: uma experiência em educação**. São Paulo: Editora Livre, 2013.

RAMOS, D. V.; CHICATI, M. L.; MACHADO, A. F.; DEIMLING, K. A. S.; MELLO, W. B. A evolução do transporte público de passageiros por ônibus. **Synergismus Scyentifica UTFPR**, Pato Branco, v. 12, n. 1, p.254 - 261, 2017.

ROLNIK, R. **O que é Cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SILVA, M. N.; LAPA, T. A. O transporte coletivo sob a lógica da produção capitalista do espaço: uma análise do serviço de ônibus na Região Metropolitana do Recife. **Caderno Metropolitano**, São Paulo, v.21, n. 45, pp.511-530, maio/ago 2019.

TONUCCI, F. **Frato: 40 anos com olhos de criança**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.

Audiovisuais

Caminhando com Tim Tim. 1 ano e 4 meses, um registro doce do tempo, no tempo, em tempo. Com Valentim! Gravação e edição: Tiago Expinho. Texto, narração e toque de

sanfona: Genifer Gerhardt. Música original: Renatinho Muller. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acessado em: 20 de março de 2020.

Quase nada. Zeca Baleiro. Albúm Liricas, 2000.

Anexo A - O que aconteceu no ônibus com você?

Vamos contar nossas histórias e inventar outras...

A ideia é fazer uma dobradura de um ônibus, ou pegar qualquer objeto que o simbolize. Caso utilize a dobradura, sugiro usar um recipiente para colocar os papéis, que neles estarão os desencadeadores das histórias (descritos na sequência) – você pode inventar novos estimulantes de histórias... Caso utilize algum objeto que caiba os papéis dentro, pode fazer desta forma também. A ideia é fazer cotações de histórias que se passam no ônibus... O convite está feito.

9

Pegue um *papel quadrado* e siga o **passo-a-passo** do **diagrama** abaixo.

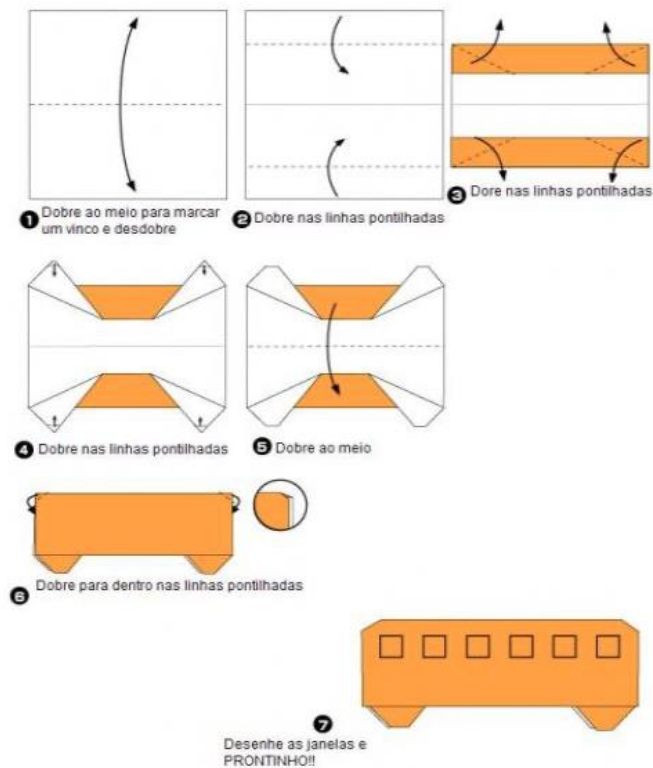


Imagem 6: Dobradura do ônibus (endereço virtual)

Desencadeadores de histórias:

Corda para o ônibus

Sentar no banco sozinho

Passar por baixo da catraca

Subir os degraus

Ficar apertado no meio de muita gente desconhecida

Um dia quente

Um dia frio

Vento no rosto

Cheiro de perfume doce

Dia de chuva

Fechar os olhos

Descer uma ladeira

Ônibus andando rápido

Ônibus andando lentamente

Em pé sem segurar em nada

Sentar ao lado de uma pessoa dormindo